



IMAGENS FILOSÓFICAS COMO ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Daniel Figueiras Alves ¹

RESUMO

Este texto tem por objetivo ampliar algumas discussões em torno das questões metodológicas para o ensino da filosofia. Num primeiro momento, extraímos de Platão a noção de imagens filosóficas – conceito criado e obtido mediante livre interpretação com base em alguns diálogos. Tal noção consiste num vasto conjunto de representações de cunho estético que permeava o universo do imaginário no contexto social e cultural de Platão. Dentro dessa perspectiva, as imagens assumiriam uma função pedagógica, contribuindo para a formação sensível do filósofo-governante. Num segundo momento do texto, apresentamos duas didáticas para o ensino de filosofia, ambas interessadas na problemática metodológica. Sílvia Gallo e Lidia Maria Rodrigo, ressaltam em suas obras a necessidade de experimentar a filosofia (viver o conceito) e superar uma dicotomia entre deficiência cultural e rigor filosófico. Assim, a contribuição das imagens filosóficas para o ensino de filosofia poderia ser justificada pelo caráter intermediador (*metaxy*) entre o conceito abstrato e o cotidiano dos estudantes.

Palavras-chave: Filosofia; Platão; Imagem; Metodologia; Didática.

INTRODUÇÃO

Almejamos, neste texto, apresentar algumas reflexões a respeito do papel das imagens no ensino de filosofia, as quais poderiam, *grosso modo*, ser sintetizadas nesse breve percurso:

1. Platão enxerga nas imagens uma função educativa imprescindível para a formação filosófica. Trata-se de uma propedêutica, de caráter sensível, vital para o desenvolvimento intelectual do filósofo-governante.
2. Dentro das atuais práticas e discussões sobre o ensino de filosofia no Brasil, dispomos de metodologias específicas para ensino filosófico, notadamente voltadas para as aulas de Ensino Médio. Dentre elas, destacamos as propostas do professor Sílvia Gallo e a da professora Lidia Maria Rodrigo, atentas aos objetivos do ensino de filosofia no contexto da escola brasileira.
3. Parte de nossas reflexões, aqui, consiste na recuperação das imagens (sob uma concepção platônica) e seu papel formativo, buscando pensar questões do ensino de filosofia na atualidade.

¹ Professor do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, danielfigalves@gmail.com

Pretendemos lançar mão dos propósitos pedagógicos das imagens em Platão e relacioná-los às propostas de ensino de filosofia no Brasil, sobretudo quanto à questão dos métodos ou estratégias didáticas. Nos interessa, sobretudo, a noção de educação propedêutica pelas imagens apresentada por Platão em alguns de seus diálogos; função atribuída ou delegada à representação sensível para a antecipação dos elementos filosóficos na alma dos discípulos. Identificaremos, para tal, essa disposição e potência das imagens sob o selo ou conceito de imagem filosófica – noção que concentra em si uma gama de pressupostos e expectativas no campo do ensino de filosofia. Das propostas de Gallo e Rodrigo, retomamos algumas discussões pertinentes à metodologia, ao conteúdo didático e à formação docente, com vistas às discussões em torno do uso daquilo que cunhamos por imagens filosóficas.

Do ponto de vista da filosofia, faz-se necessário explicitar o conceito de imagem filosófica – seu sentido, propósito ou referencial teórico. Acreditamos que esse embasamento encontra-se em Platão, ou ainda, numa interpretação interessada em ressaltar determinados aspectos do pensamento do filósofo. Na área da educação, especialmente pelo viés da didática – disciplina ou campo pedagógico atento aos elementos e atitudes diretamente relacionadas à sala de aula, a explanação dos procedimentos metodológicos, das práticas e estratégias didáticas requer maior destaque nesta discussão. Tentaremos, brevemente, explicitar algo que contemple ambas exigências.

O foco de nossa discussão situa-se na problemática metodológica, bem como nas didáticas específicas para o ensino da filosofia – algumas delas, pelo menos. Com o intuito de ampliar e aprofundar relações entre filosofias e instrumentos de ensino, buscamos recriar ou elaborar novos horizontes pedagógicos (técnicas, conteúdos, materiais didáticos ou paradidáticos) em benefício do aprimoramento da prática docente e de uma melhor apropriação dos métodos de ensino de filosofia pelos professores.

Consideramos, para tal, oportuno – em meio às recentes discussões e propostas ao ensino da filosofia – refletir sobre tal problemática, resgatando e interpretando ideias, noções e concepções clássicas. Assim, a utilização das imagens filosóficas, ou ainda, a compreensão de seu sentido, função e contexto – dentro de uma perspectiva platônica (propedêutica imagética), poderia ser um contributo ao aprofundamento das atuais discussões sobre metodologias e didáticas filosóficas, no tocante à apresentação e facilitação de conteúdos da disciplina (densos e abstratos). Como forma de dar corpo e materializar essas expectativas, alinhamos nossa discussão às significativas contribuições de Gallo e Rodrigo ao campo do ensino de filosofia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A tentativa de uma definição para o nosso conceito de imagens filosóficas requer, inicialmente, a compreensão do sentido conferido por Platão às imagens. Além disso, tendo em vista que a função ou papel que pretendemos resgatar das imagens junto ao filósofo é o pedagógico, é oportuno contextualizar nossa discussão no ambiente educativo da *pólis* ateniense do período clássico.

Para Platão, as imagens constituem um tipo de instrução (sensível e moralizadora) propedêutica à filosofia. Não se pode adquirir conhecimentos de nível abstrato, sejam eles matemáticos ou filosóficos (acesso às ideias pela dialética), sem antes preparar a alma do aprendiz por meio de instruções mais rudimentares – os mitos e demais conteúdos da literatura, notadamente.

Na *República*, Platão defende tal uso da arte (poesia, em especial) para o fortalecimento das bases morais da alma, por meio do uso dos exemplos e narrativas heroicas. Trata-se, portanto, de uma concepção usual entre os gregos de sua época, qual seja, a de relacionar o conhecimento (*epistémé*) à moral (*areté*) e lançar mão de passagens da poesia para ilustrar essa relação do bom e do belo – a noção de *kalokagathia* (Alves, 2016, p. 63).

No entanto, à parte esse caráter moralizador das imagens em Platão, o que nos interessa enfatizar é a releitura do sentido pedagógico das imagens: uma espécie de preparo intelectual ao abstrato, sensibilização do sujeito para os conceitos, antecipação e afeição ao racional. Algo que os gregos entendiam por *metaxy*, elemento intermediador entre duas realidades: filosófico e o não filosófico, por exemplo. A imagem é, por excelência, uma autêntica *metaxy*, eixo, ponte de ligação, conectivo, elemento relacional, em suma, funções ou posturas que expressariam sentido e, possivelmente, contribuiriam para os desafios metodológicos do ensinar a filosofia nos dias atuais.

Por imagens filosóficas poderíamos entender (no sentido platônico) um vasto conjunto de representações e ilustrações figurativas, pictóricas, alegóricas, literárias, metafóricas que compõem o campo das artes (música, poesia, pintura, etc...) ou que se relacionam ao universo do imaginário social da época (mentalidade conformada pela disposição do saber na cultura da oralidade).

São filosóficas (ou pré-filosóficas) na medida em que se propõem a antecipar o conteúdo ou narrativa filosófica – conceito ou argumento racional – fazendo uma espécie de ponte de ligação entre extremos epistemológicos: irracional-racional, ignorância-conhecimento, *dóxa-epistémé*. Daí seu caráter intermediador (*metaxy*). Platão, na *República*, demarca o espaço das

imagens na categoria ou modo de conhecimento da imaginação (*eikasía*), sendo, nessa medida, apropriada ao ensino propedêutico dos não iniciados na filosofia – não é um tipo de saber plenamente verdadeiro; porém, nem de todo é falso. O conceito de imagem filosófica que apresentamos aqui toma como base esse viés platônico, assume uma função pedagógica e ostenta um propósito educativo.

Há, assim, uma função pedagógica da imagem, um intento de preparar o discípulo para a filosofia por canais da sensibilidade (estéticos) e não da racionalidade. Platão foi, talvez, um dos precursores desse uso da imagem enquanto elemento formador. As artes (no sentido moderno do termo) também participam ativamente desse processo. Elas dispõem de funções que vão além da produção da beleza. Além da estética, são funções que importam ao ensino da filosofia.

Outras abordagens são possíveis, tais como a semiótica, teorias psicológicas e do imaginário; nossa conceituação do termo imagem filosófica não se restringe à discussão platônica sobre o caráter sensível e moralizador das imagens, embora encontre em Platão fundamentação primordial para elaborar e delimitar tal conceito.

No que tange aos conteúdos relativos ao ensino de filosofia, conforme mencionamos anteriormente, delimitaremos as propostas pedagógicas de Sílvio Gallo, 2014, e a de Lidia Maria Rodrigo, 2009. A escolha dos autores, como expoentes de metodologias de ensino de filosofia, tem sua justificativa devido ao caráter sistematizador das obras. Tanto Gallo (2014) como Rodrigo (2009) constituem obras focadas no desenvolvimento de propostas e ensaios sobre estratégias didáticas para ensinar filosofia; explicitam métodos distintos, os discutem, convidam o interlocutor (professor) para o debate de questões diretamente relacionadas à atividade docente. Dispõem, ainda, num mesmo contexto escolar, os problemas relativos à formação, à avaliação e ao material didático utilizado em sala de aula.

Sílvio Gallo (2014, p. 91-93) propõe a organização da aula de filosofia enquanto uma oficina de conceitos. Para o autor, o aluno em sala de aula, em certa medida, deveria atuar como um filósofo, reinventando ou criando conceitos. A aula seria, dessa maneira, um laboratório, oficina, local ou oportunidade de experimentação filosófica – trabalhar com o conceito filosófico tal como um artífice e sua obra. Assumindo uma perspectiva deleuziana (a singularidade da filosofia como área de criação dos conceitos), Gallo pensa a escola, ou ainda o exercício pedagógico, na qualidade de uma propedêutica ao conceito, isto é, uma antessala do pensamento abstrato. Como forma de sistematização metodológica, desenvolve “alguns ensaios didáticos em torno de uma pedagogia do conceito” (Gallo, 2014, p. 95), os quais poderiam ser esquematizados por meio de quatro passos ou momentos didáticos: 1º

sensibilização (chamar a atenção dos alunos para o tema filosófico); 2º problematização (transformar o tema em problema); 3º investigação (buscar elementos para a solução do problema) e 4º conceituação (recriar ou criar conceitos para equacionar o problema) (Gallo, 2014, p. 96-98).

Lidia Maria Rodrigo (2009, p. 2-3), atentando-se para o desafio de se ensinar filosofia numa escola de massas (heterogeneidade das condições e oportunidades de acesso aos bens culturais), propõe uma didática prática para o conhecimento filosófico. Tal didática consiste na concepção de estratégias que busquem superar essa dicotomia entre a deficiência educacional e cultural dos alunos e as exigências teórico-epistemológicas do pensamento filosófico (permeado por um vocabulário conceitual e por um rigor lógico particulares). A aprendizagem filosófica, orientada para a aquisição de uma cultura especificamente filosófica, requer métodos próprios ou estratégias específicas, comuns à natureza do seu saber filosófico.

Interessada na superação dessa dicotomia, a autora recomenda um planejamento das aulas sob três aspectos formais ou processos de pensamento, definidores da prática do ensino de filosofia: 1º problematizar (indagar, pedir as razões ou colocar em questão); 2º conceituar (representação mental e objeto do pensamento) e 3º argumentar (saber se o que se diz é verdadeiro) (Rodrigo, 2009, p. 55).

O ponto de intersecção entre os dois métodos e as imagens filosóficas consiste na preocupação e necessidade de se introduzir a filosofia no universo dos alunos. Torná-la acessível, apresentá-la de maneira prévia, sem incorrer numa caracterização e rotulagem demasiado abstrata e inalcançável, pois “existe uma tradição filosófica, sobre a qual o estudante com quem se vai trabalhar ignora praticamente tudo” (Rodrigo, 2009, p. 37). Platão, ou melhor, nossa concepção de imagem filosófica – embasada em seu contexto e pensamento, poderia, talvez, exercitar procedimentos outros que realizassem uma *metaxy* entre a abstração (ou conceitos) e a carência de saberes (ou desinteresse) discente.

Buscamos, assim, reelaborar, rediscutir, revisitar algumas estratégias didáticas e metodologias, com vistas a promover aquilo que anteriormente destacamos como função intermediadora das imagens. Objetivamos, nesse aspecto, “instaurar uma postura indagadora, introduzindo o aluno a um conhecimento filosófico” (Rodrigo, 2009, p. 57), sem que, para isso, tenhamos que banalizar a filosofia ou deturpar sua identidade. Há uma necessidade (e emergência) de apresentar a filosofia aos estudantes, dispô-la num currículo escolar; no entanto, isso não pode ser estabelecido sem critérios que assegurem qualidade e rigor filosófico.

METODOLOGIA

Nosso ensaio se interessa, sobretudo, por essas sistematizações e implicações metodológicas. Sob esse prisma, tais discussões sobre o campo do ensino de filosofia ganham fôlego justamente naquilo que Rodrigo (2009, p. 60) aponta como um dos grandes desafios da atividade docente: “encontrar formas de explicar para o aluno a relação entre o conceito abstrato e o mundo concreto, uma vez que ele não consegue, por conta própria, estabelecer essas mediações”. Outro cuidado a ser tomado, consiste em “promover uma primeira aproximação, ainda pré-filosófica, empregando recursos e materiais que sejam familiares e de interesse do estudante” (Rodrigo, 2009, p. 57). Tal desafio também é destacado por Gallo (2014, p. 96): “fazer com que os estudantes vivam, ‘sintam na pele’, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico [etapa de sensibilização]”. Pois bem, nesse ínterim, acreditamos que aquilo que designamos por imagens filosóficas poderia contribuir nesse jogo mediador entre o conceito abstrato e o mundo concreto, sentir o problema filosófico a partir do não filosófico. Essa função poderia ser suprida pelo recurso ao imagético, imaginário, ilustrativo, metafórico, exemplificador, sensitivo – “uma espécie de ‘corrimão epistemológico’ para que o aluno se aproxime gradualmente dos conceitos filosóficos” (Rodrigo, 2009, p. 61).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os desafios em torno das estratégias didáticas e metodologias para o ensino da filosofia; no entanto, esbarram, ainda, numa série de problemas que interferem diretamente no seu desenvolvimento. Obstáculos relativos à compreensão da linguagem filosófica e ao desinteresse dos alunos pela disciplina demandam por um aprimoramento de metodologias de ensino. A linguagem filosófica utiliza-se de noções, vocábulos e conceitos específicos e sua dificuldade de compreensão é própria da comunicação e do fazer filosófico. Os textos clássicos e canônicos da filosofia já estão escritos nessa linguagem – isso é um fato a ser aceito no ensino. Platão, por exemplo, apoia-se numa terminologia e num conjunto de construções conceituais para pensar seu contexto histórico ou as questões que lhe eram caras em sua época. Agostinho, Kant, Hegel, Marx, Wittgenstein, o mesmo. O desinteresse pela filosofia, motivado pelas mais diferentes razões, exige do professor o exercício de tornar atrativo o conteúdo filosófico e isso implica na necessidade de revisitar e repensar não apenas algumas práticas ou métodos, mas o próprio processo de comunicação dentro da sala de aula. Nas relações pedagógicas, a dimensão da

linguagem se faz inoperante diante do abismo estabelecido entre o legado filosófico e o contexto sócio-cultural de muitos dos alunos.

Este ensaio reitera a importância de pensar tais desafios e entende que há uma discussão frutífera em torno da consolidação do ensino de filosofia no Brasil. Na medida do possível, coloca-se como interlocutor dentro de um escopo de questões e problemas concretos e propõe uma linha de pensamento que toma as imagens filosóficas (conceito criado) como diretrizes para a elaboração de ações pedagógicas com vistas à facilitar (ou amenizar a resistência) a aprendizagem filosófica. Temos por hipótese, em linhas gerais, a ideia de que o estabelecimento de estratégias didáticas que articulam o texto filosófico (abstrato, histórico e conceitual) às mediações imagéticas (apresentação do problema, sensibilização, ilustração sintética, tradução do sentido em imagens e alegorias) é algo que já é natural ao estudante de nível fundamental e médio – pensemos, aqui, nas mais variadas formas de apropriação do conteúdo estético e artístico em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção do professor (e também de quem formula os materiais didáticos) pode, com sucesso, amparar-se nesse modo de comunicação já preestabelecido. Nesse aspecto, familiarizar o estudante ao universo filosófico (sem banalizá-lo), ou ainda, antecipar o conceitual, os argumentos, a estrutura discursiva e lógica próprios da filosofia (tentando evitar desgastes e atritos), é um tipo de estratégia que mereceria maior atenção. Uma das ferramentas de ação para essa construção do sentido e importância da filosofia na vida do estudante – o permanentemente questionar-se e questionar o mundo – está no método de ensinar, na maneira como a filosofia se coloca entre o estudante e o mundo. Para finalizar, recordemos da alegoria platônica do jardim da alma apresentada no *Fedro*: as imagens faladas (metáforas), na condição de opiniões verdadeiras, comportam-se como sementes que poderão fazer florescer na alma a filosofia. A juventude é um solo fértil; porém, é necessária uma série de cuidados. A educação é, assim, uma aposta.

REFERÊNCIAS



ALVES, Daniel Figueiras. **Estatuto ontológico e função educativa das imagens em Platão.** 134 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia:** uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2014.

RODRIGO, Lidia Maria **Filosofia em sala de aula:** teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.